

O FLAUTISTA DE HAMELIN

Ana Maria Chaves

(Tradução do poema "The pied piper of Hamelin" de Robert Browning)



http://4.bp.blogspot.com/_KEP0bSexo9Q/R3dni0FrTrI/AAAAAAAAAHw/_oZ_IIVp1Os/s400/Pied_piper.jpg

Cidade de Hamelin, em Brunswick,
Junto à Hanover afamada;
O rio Weser, largo e fundo,
Banha as muralhas, jucundo;
Melhor lugar não há no mundo;
Mas, quando começa a minha saga,
Quase cinco séculos já lá vão,
Apertava o coração
Ver o povo sofrer tanto com uma praga.

Ratos!

Lutavam com os cães e matavam os gatos,
Mordiam os bebês nas suas alcofas,
Comiam os queijos das cubas e pratos,
Às cozinheiras roubavam as sopas,
Pilhavam as arcas das salgadeiras,
Faziam ninhos nas roupas domingueiras
Estragavam até as conversas soalheiras,
Abafando os arrazoados
Com seus guinchos e chiados
De mil tons e maneiras.



<http://4.bp.blogspot.com/-0wwrA8FAws8/TVawrEcThII/AAAAAAAAANc/itrYIyGs8wc/s1600/falutista%2Bdetalle.jpg>

Por fim, o povo zangado
Correu para a Câmara, ululante:
“Está provado”, vociferavam, “o Presidente é um nabo;
Quanto à nossa Assembleia... é chocante
Ver que pagamos regalias e aparato
A tantos fala-barato
Que não sabem como livrar-nos dos ratos!
Acaso julgais que ser velho e obeso
Vos dá direito a ter um cargo de peso?
Toca a reagir, Senhores! Miolos a trabalhar
Para o remédio encontrar,
Senão, é certo e sabido que vos mandamos passear!”
Ao ouvir isto, Presidente e Assembleia
Tremeram de medo ante tal ideia.

O Presidente quebrou o silêncio por fim,
Estava o conselho reunido há uma hora:
“Venderia a minha capa de arminho por um florim;
Quem me dera estar a milhas, ir-me embora!
É fácil dizer: ‘encontrem a solução’...

A minha pobre cabeça já me dói até mais não
De tanto a coçar em vão.
Uma boa ratoeira era tudo o que eu queria!”
E eis que, quando tais palavras dizia,
Alguém à porta da Câmara suavemente batia.
“Meu Deus” exclamou o Presidente, “O que será este toque?”
(Sentado entre a Assembleia,
Parecia minúsculo, mas gordo como um batoque;
Seus olhos tinham o brilho e a viveza
De uma ostra esquecida sobre a mesa,
Salvo ao meio-dia, quando a pança em polvorosa
Clamava por uma tartaruga bem verde e glutinosa)
“Talvez seja só um raspar de sapatos
No capacho! Mas tudo o que me soa a ratos
Põe-me o coração aos saltos!”

“Entrai!” exclamou o Presidente, parecendo ganhar altura:
E pela sala irrompeu a mais bizarra figura!
Seu longo e estranho casaco, que lhe chegava ao artelho,
Era metade amarelo, outra metade vermelho;
O homem era alto e magro como um estilete;
De olhos azuis penetrantes, cada qual um alfinete;
Cabelos soltos e loiros, mas pele morena,
Sem suíças nem barba nem sequer pera;
Mas lábios onde luziam sorrisos intermitentes,
Sem deixar adivinhar seus amigos e parentes!
Todos miravam pasmados
Este homem alto tão estranhamente trajado:
Diz um: “É como se um dos meus antepassados,
Pela Trombeta do Juízo Final ressuscitado,
Do túmulo para aqui tivesse voltado!”

O homem avançou para a mesa da reunião.
“Com Vossa licença” disse ele, “eu tenho o condão,
O poder secreto de levar atrás de mim
Todos os bichos que sob o sol vivem,

Quer corram, rastejem, quer nadem quer voem.
Nunca neste mundo se viu coisa assim!
E uso os meus poderes principalmente
Naqueles bichos que são maus para a gente.
A toupeira, a víbora, o sapo e o tritão;
Flautista Mágico é o nome que me dão”.
(E então repararam que ao pescoço trazia
Um lenço às riscas amarelas e encarnadas,
Que com o padrão do casaco condizia
E tinha na ponta uma flauta pendurada;
E seus dedos - notaram - não paravam de dedilhar,
Como se impacientes para começar a tocar
A flauta que agora oscilava
Sobre a fatiota já antiquada).
“Porém eu” disse ele, “ pobre flautista pária,
No último junho livreí o Khan da Tartária
De gigantescos enxames de mosquitos;
Livrei um Marajá dos confins da Ásia
De morcegos-vampiros monstruosos;
E, já que perplexos me olhais assim,
Se conseguir livrar a cidade dos ratos maldosos
Será que me ofereceis mil florins?”
“Mil? Cinquenta mil!” exclamaram sem peias
O Presidente atónito e a Assembleia.



http://farm4.static.flickr.com/3454/3761872191_79ed590993_o.jpg

Exibindo no rosto um sorriso contido,
O Flautista para a rua voltou,
Como se soubesse do poder escondido
Que a sua flauta logo revelou;
Depois, como músico experiente e sabido,
Para soprar na flauta os lábios franziu
E, um verde outro azul, cada olho luziu
Como chama de vela onde sal caiu;
E antes de a flauta três notas tocar,
OuvIU-se um rumor de tropa a marchar;
E esse rumor tornou-se um roncar;
E esse roncar um forte ribombar;
E os ratos saíam das casas a correr e a saltar.
Ratos grandes e pequenos, ratos magros e anafados,
Ratos castanhos e pretos, cinzentos e avermelhados,
Circumspectas ratazanas, jovens ratos brincalhões,
Pais, mães, primos, tios e tias,
Rabos alçados, bigodes pimpões,
Famílias inteiras aos milhões,
Irmãos e irmãs, mulheres e maridos...
Atrás do flautista corriam esbaforidos.
De rua em rua lá foi ele a tocar,
Levando atrás de si um cortejo a dançar,
Até chegarem à margem do Weser,
Onde mergulharam para uma morte inglória!
- Todos menos um, forte como César,
Que conseguiu salvar-se e levar
(Como ele, no manuscrito que exhibia agora)
À Ratolândia a sua triste história,
Que era: "Às primeiras notas repenicadas
Ouvi o som de tripas a serem raspadas
E de maçãs maduras a serem lançadas
Numa prensa de cidra e a serem prensadas:
E barricas de pickles a serem abertas,
E portas de armários a serem entreabertas,
E frascos de óleo de baleia a serem destapados,
E aros de barricas de manteiga a serem quebrados;
E parecia que uma voz bem alto dizia
(Mais doce que em harpa ou saltério tangida):
'Rejubilai, ratos! E haja alegria!
O mundo é uma despensa cheia de comida!
Toca a mastigar, roer e trincar,
À dejua, ceia, almoço e jantar!'
E quando vi uma barrica de açúcar
Redonda como um sol a brilhar
Glorioso mesmo ao pé de mim,

E pensei que dizia: 'Vem a mim!'
As águas do Weser cobriram-me a mim”.

E as gentes de Hamelin com grande ansiedade
Tocavam os sinos sem dó nem piedade.
“Ide”, gritou o Presidente, “ide buscar tacos!
Destruí os ninhos, tapai os buracos!
Chamai carpinteiros, pedreiros e afins,
Que na nossa cidade não reste uma só pista
Dos ratos!” – quando, de repente, a voz do Flautista
Se eleva na praça, sonora, imprevista:
“Primeiro, se fazem favor, os meus mil florins!”

Mil florins! O Presidente fez cara feia;
E cara igual fez toda a Assembleia,
Pois em jantaradas gastavam milhões
Em Clarete, Mosela e outras libações,
E metade dessa soma dava para atestar
A maior pipa da adega até transbordar.
Pagar tal fortuna a este fulano
De casaco às riscas e ar de cigano!
“Para mais”, disse o Presidente em tom de desafio,
“Nosso trato acabou nas margens do rio;
Vimos com estes olhos a praga a afogar,
E os mortos, suponho, não podem voltar.
Mas não somos, Amigo, gente para negar
Alguma coisinha para um copo ires tomar,
E algumas moedas em teu bolso enfiar;
Mas quanto aos florins... A soma acordada,
Como tu bem sabes, foi uma piada.
A gente, com as perdas, tornou-se avarenta.
Quais mil florins! Toma lá cinquenta!”

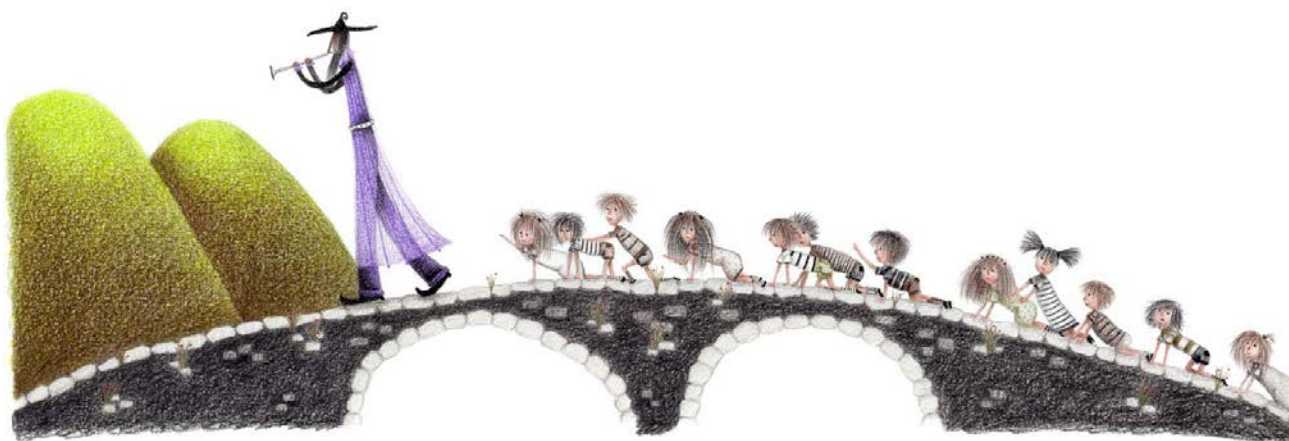
Então o flautista irado gritou:
“A brincadeira acabou! Não posso esperar!
Prometi estar em Bagdá à hora do jantar
Para uma sopa degustar,
Tudo o que o Mestre Cozinheiro tem para me oferecer
Por da cozinha do Califa ter feito desaparecer
Um ninho de escorpiões sem sobreviventes...
Com ele provei não ser exigente,
Convosco, porém, serei bem diferente!

E os que me incendeiam assim a paixão
Verão desta flauta a outra feição”.

“Como?” gritou o Presidente, “Julgas que aceito
Ser mais maltratado do que um Cozinheiro?
Insultado por um mandrião
De flauta insolente e casaco pingão?
Isso é uma ameaça? Pois podes dar-te ares
E tocar essa flauta até rebentares!”

Mais uma vez ele saiu para as ruas;
E de novo aos lábios levou
A longa flauta de cana, e soprou;
Mas nem três notas havia tocado (só duas,
E tão doces como nunca vibraram
Outras no ar extasiado),
OuvIU-se um tropel, que parecia explosões,
De alegres multidões aos pulos, aos saltos e aos encontros,
Pezinhos a saltitar, tamanquinhas a sapatear,
Mãozinhas a ovacionar e línguas a palrear;
E, como pintainhos atrás do milho nas capoeiras,
Surgem as crianças a correr ligeiras.
Meninas e meninos,
De faces rosadas e caracolinhas,
Olhos cintilantes e dentes branquinhos,
Pulando e saltando, seguiam submissos
A música mágica entre gritos e risos.

O Presidente estava mudo e o Conselho especado,
Como se em blocos de madeira transformados,
Sem que ninguém pudesse dar um passo ou chamar
As crianças que iam felizes a saltitar...
Podiam apenas seguir com a vista
O alegre bando atrás do Flautista.
Como o Presidente ficou destroçado
E o coração dos Conselheiros bateu acelerado,
Quando o Flautista virou da rua principal
Para onde o rio Weser, de temível caudal,
Diante de seus filhos e filhas corria fatal!
Ele, porém, para oeste inflectiu,
E para o monte Koppelberg seus passos dirigiu,
E o alegre bando atrás dele seguiu;
Grande foi o júbilo que cada peito sentiu.



http://1.bp.blogspot.com/_byYtsUDAYco/TTyYj7vaqpl/AAAAAAAAAHQ/T7NufpX1hlc/s1600/El+Flautista+de+Hamelin+puente.jpg

“Ele não consegue o monte galgar!
Vai ser obrigado a deixar de tocar,
E as nossas crianças terão de parar!”
Mas eis que uma vez à encosta chegado,
Um portal encantado se abriu escancarado,
Como se uma caverna tivesse por trás;
E o Flautista avançou com as crianças atrás,
E quando já nenhuma restava cá fora,
A porta do monte fechou-se na hora.
Eu disse *nenhuma*? Não! Um era aleijado,
E não conseguia como os outros dançar;
E anos mais tarde, quando era acusado
De estar sempre triste, passava a explicar:
“A vida é tristonha sem os meus camaradas!
Não posso esquecer que me estão vedadas
As mil coisas belas que eles estão a ver
E que o Flautista me estava a prometer:
Pois jurou levar-nos para uma terra linda,
Fora da cidade, mas bem perto ainda,
Com árvores de fruto e frescas nascentes,
Onde as cores das flores eram mais esplendentes
E todas as coisas eram novas, diferentes;
Os pardais eram mais vistosos do que os pavões,
E as abelhas haviam perdido os seus ferrões,
E os cães corriam mais do que os gamos nos prados
E os cavalos nasciam como as águias, alados:
E quando por fim pude perceber
Que até o meu pé boto deixaria de o ser,
A música parou, eu também parei
E vi que deste lado do monte fiquei,
Sozinho, ao invés do que mais desejei,
Para como dantes andar a coxear,
Sem dessa tal terra mais ouvir falar!”

Ai, pobre, pobre Hamelin!
Veio então à cabeça de muitos burgueses
Um texto que diz que é mais fácil às vezes
Pelo buraco da agulha um camelo passar
Do que um Rico as Portas do Céu franquear!
O Presidente mandou mensageiros tentarem sua sorte
Para Este e Oeste, para Sul e para Norte,
Atrás do Flautista; e caso o encontrassem,
Que prata e ouro a seus pés lançassem
Se ele voltasse por onde tinha ido
E as crianças trouxesse consigo.
Mas assim que viram o caso perdido,
Que Flautista e dançarinos tinham para sempre desaparecido,
Mandaram por decreto que nenhum advogado
Pudesse crer suas atas devidamente datadas
Se ao ano, mês e dia registados
Estas palavras não fossem acrescentadas:
“...E tanto tempo depois do aqui sucedido
A vinte e dois de julho do ano ido
De mil trezentos e setenta e seis”:
E para guardar memórias fiéis
Do último lugar onde as crianças passaram,
Rua do Flautista Mágico lhe chamaram –
Onde quem tocasse flauta ou tambor
Perderia de futuro o seu labor.
E também não permitiam albergue ou taberna,
Que a alegria era afronta em rua tão infortuna;
Mas diante do local onde se abriu a caverna
Escreveram a história numa coluna,
E também a pintaram no vitral da Igreja
Para que todo o mundo para sempre veja
Como seus filhos lhes foram roubados;
E aí se mantém tantos anos passados.
E não posso deixar de dizer
Que há uma tribo na Transilvânia,
Um povo estrangeiro que atribuía
Os seus estranhos trajes e tradições,
A que os vizinhos faziam menções,
A seus pais e mães serem oriundos
De cárceres subterrâneos e profundos
Para onde há muito foram atraídos,
E em bando numeroso conduzidos
Desde a cidade de Hamelin, em Brunswick,
Mas como e porquê não há quem explique.

Por isso, Willy, que tu e eu paguemos sempre
Nossas dívidas para com toda a gente – os flautistas especialmente:
E, se com a flauta nos livrarem de ratazanas ou ratos,
Se lhes prometemos algo, cumpramos nossos contratos.



<http://4.bp.blogspot.com/-0wwrA8FAws8/TVawrEcThII/AAAAAAAAANc/itrYIyGs8wc/s1600/falutista%2Bdetalle.jpg>

Hamelin Town's in Brunswick,
By famous Hanover city;
The river Weser, deep and wide,
Washes its wall on the southern side;
A pleasanter spot you never spied;
But, when begins my ditty,
Almost five hundred years ago,
To see the townsfolk suffer so
From vermin, was a pity.

Rats!
They fought the dogs, and killed the cats,
And bit the babies in the cradles,
And ate the cheeses out of the vats,
And licked the soup from the cook's own ladles,
Split open the kegs of salted sprats,
Made nests inside men's Sunday hats,
And even spoiled the women's chats,
By drowning their speaking
With shrieking and squeaking
In fifty different sharps and flats.

At last the people in a body
To the Town Hall came flocking:
"Tis clear," cried they, "our Mayor's a noddly;
And as for our Corporation—shocking

To think we buy gowns lined with ermine
For dolts that can't or won't determine
What's best to rid us of our vermin!
You hope, because you're old and obese,
To find in the furry civic robe ease?
Rouse up, Sirs! Give your brains a racking
To find the remedy we're lacking,
Or, sure as fate, we'll send you packing!"
At this the Mayor and Corporation
Quaked with a mighty consternation.

An hour they sate in council,
At length the Mayor broke silence:
"For a guilder I'd my ermine gown sell;
I wish I were a mile hence!
It's easy to bid one rack one's brain –
I'm sure my poor head aches again
I've scratched it so, and all in vain.
Oh for a trap, a trap, a trap!"
Just as he said this, what should hap
At the chamber door but a gentle tap?
"Bless us," cried the Mayor, "what's that?"
(With the Corporation as he sat,
Looking little though wondrous fat;
Nor brighter was his eye, nor moister
Than a too-long-opened oyster,
Save when at noon his paunch grew mutinous
For a plate of turtle green and glutinous)
"Only a scraping of shoes on the mat?
Anything like the sound of a rat
Makes my heart go pit-a-pat!"

"Come in!"—the Mayor cried, looking bigger:
And in did come the strangest figure!
His queer long coat from heel to head
Was half of yellow and half of red;
And he himself was tall and thin,
With sharp blue eyes, each like a pin,
And light loose hair, yet swarthy skin,
No tuft on cheek nor beard on chin,
But lips where smiles went out and in—
There was no guessing his kith and kin!
And nobody could enough admire
The tall man and his quaint attire:

Quoth one: "It's as my great-grandsire,
Starting up at the Trump of Doom's tone,
Had walked this way from his painted tombstone!"

He advanced to the council-table:
And, "Please your honours," said he, "I'm able,
By means of a secret charm, to draw
All creatures living beneath the sun,
That creep or swim or fly or run,
After me so as you never saw!
And I chiefly use my charm
On creatures that do people harm,
The mole and toad and newt and viper;
And people call me the Pied Piper."
(And here they noticed round his neck
A scarf of red and yellow stripe,
To match with his coat of the selfsame cheque;
And at the scarf's end hung a pipe;
And his fingers, they noticed, were ever straying
As if impatient to be playing
Upon this pipe, as low it dangled
Over his vesture so old-fangled.)
"Yet," said he, "poor piper as I am,
In Tartary I freed the Cham,
Last June, from his huge swarms of gnats;
I eased in Asia the Nizam
Of a monstrous brood of vampire-bats;
And, as for what your brain bewilders,
If I can rid your town of rats
Will you give me a thousand guilders?"
"One? fifty thousand!"—was the exclamation
Of the astonished Mayor and Corporation.

Into the street the Piper stepped,
Smiling first a little smile,
As if he knew what magic slept
In his quiet pipe the while;
Then, like a musical adept,
To blow the pipe his lips he wrinkled,
And green and blue his sharp eyes twinkled
Like a candle flame where salt is sprinkled;
And ere three shrill notes the pipe uttered,
You heard as if an army muttered;
And the muttering grew to a grumbling;

And the grumbling grew to a mighty rumbling;
And out of the houses the rats came tumbling.
Great rats, small rats, lean rats, brawny rats,
Brown rats, black rats, grey rats, tawny rats,
Grave old plodders, gay young friskers,
Fathers, mothers, uncles, cousins,
Cocking tails and pricking whiskers,
Families by tens and dozens,
Brothers, sisters, husbands, wives—
Followed the Piper for their lives.
From street to street he piped advancing,
And step for step they followed dancing,
Until they came to the river Weser,
Wherein all plunged and perished!
- Save one who, stout a Julius Caesar,
Swam across and lived to carry
(As he, the manuscript he cherished)
To Rat-land home his commentary:
Which was, "At the first shrill notes of the pipe
I heard a sound as of scraping tripe,
And putting apples, wondrous ripe,
Into a cider-press's gripe:
And a moving away of pickle-tub-boards,
And a leaving ajar of conserve-cupboards,
And a drawing the corks of train-oil-flasks,
And a breaking the hoops of butter-casks;
And it seemed as if a voice
(Sweeter far than by harp or by psaltery
Is breathed) called out 'Oh, rats, rejoice!
The world is grown to one vast drysaltery!
So munch on, crunch on, take your nuncheon,
Breakfast, supper, dinner, luncheon!
And just as a bulky sugar-puncheon,
All ready staved, like a great sun shone
Glorious scarce and inch before me,
Just as methought it said 'Come, bore me!'
- I found the Weser rolling o'er me."

You should have heard the Hamelin people
Ringing the bells till they rocked the steeple.
"Go," cried the Mayor, "and get long poles!
Poke out the nests and block up the holes!
Consult with carpenters and builders,
And leave in our town not even a trace
Of the rats!"—when suddenly, up the face

Of the Piper perked in the market-place,
With a, "First, if you please, my thousand guilders!"

A thousand guilders! The Mayor looked blue;
So did the Corporation too.
For council dinners made rare havoc
With Claret, Moselle, Vin-de-Grave, Hock;
And half the money would replenish
Their cellar's biggest butt with Rhenish.
To pay this sum to a wandering fellow
With a gypsy coat of red and yellow!
"Beside," quoth the Mayor with a knowing wink,
"Our business was done at the river's brink;
We saw with our eyes the vermin sink,
And what's dead can't come to life, I think.
So, friend, we're not the folks to shrink
From the duty of giving you something for drink,
And a matter of money to put in your poke;
But, as for the guilders, what we spoke
Of them, as you very well know, was in joke.
Beside, our losses have made us thrifty.
A thousand guilders! Come, take fifty!"
The Piper's face fell, and he cried
"No trifling! I can't wait, beside!
I've promised to visit by dinner-time
Bagdat, and accept the prime
Of the Head Cook's pottage, all he's rich in,
For having left, in the Calip's kitchen,
Of a nest of scorpions no survivor—
With him I proved no bargain-driver,
With you, don't think I'll bate a stiver!
And folks who put me in a passion
May find me pipe to another fashion."

"How?" cried the Mayor, "d'ye think I'll brook
Being worse treated than a Cook?
Insulted by a lazy ribald
With idle pipe and vesture piebald?
You threaten us, fellow? Do your worst,
Blow your pipe there till you burst!"

Once more he stepped into the street;
And to his lips again

Laid his long pipe of smooth straight cane;
And ere he blew three notes (such sweet
Soft notes as yet musician's cunning
Never gave the enraptured air)
There was a rustling, that seemed like a bustling
Of merry crowds justling at pitching and hustling,
Small feet were pattering, wooden shoes clattering,
Little hands clapping and little tongues chattering,
And, like fowls in a farmyard when barley is scattering,
Out came the children running.
All the little boys and girls,
With rosy cheeks and flaxen curls,
And sparkling eyes and teeth like pearls,
Tripping and skipping, ran merrily after
The wonderful music with shouting and laughter.

The Mayor was dumb, and the Council stood
As if they were changed into blocks of wood,
Unable to move a step, or cry
To the children merrily skipping by—
And could only follow with the eye
That joyous crowd at the Piper's back.
But how the Mayor was on the rack,
And the wretched Council's bosoms beat,
As the Piper turned from the High Street
To where the Weser rolled its waters
Right in the way of their sons and daughters!
However he turned from South to West,
And to Koppelberg Hill his steps addressed,
And after him the children pressed;
Great was the joy in every breast.
"He never can cross that mighty top!
He's forced to let the piping drop,
And we shall see our children stop!"
When, lo, as they reached the mountain's side,
A wondrous portal opened wide,
As if a cavern was suddenly hollowed;
And the Piper advanced and the children followed,
And when all were in to the very last,
The door in the mountain-side shut fast.
Did I say, all? No! One was lame,
And could not dance the whole of the way;
And in after years, if you would blame
His sadness, he was used to say,—
"It's dull in our town since my playmates left!"

I can't forget that I'm bereft
Of all the pleasant sights they see,
Which the Piper also promised me:
For he led us, he said, to a joyous land,
Joining the town and just at hand,
Where waters gushed and fruit-trees grew,
And flowers put forth a fairer hue,
And everything was strange and new;
The sparrows were brighter than peacocks here,
And their dogs outran our fallow deer,
And honey-bees had lost their stings,
And horses were born with eagles' wings:
And just as I became assured
My lame foot would be speedily cured,
The music stopped and I stood still,
And found myself outside the Hill,
Left alone against my will,
To go now limping as before,
And never hear of that country more!"

Alas, alas for Hamelin!
There came into many a burgher's pate
A text which says, that Heaven's Gate
Opes to the Rich at as easy rate
As the needle's eye takes a camel in!
The Mayor sent East, West, North, and South,
To offer the Piper, by word of mouth,
Wherever it was men's lot to find him,
Silver and gold to his heart's content,
If he'd only return the way he went,
And bring the children behind him.
But when they saw 'twas a lost endeavour,
And Piper and dancers were gone for ever,
They made a decree that lawyers never
Should think their records dated duly
If, after the day of the month and year,
These words did not as well appear,
"And so long after what happened here
On the Twenty-second of July,
Thirteen hundred and seventy-six":
And the better in memory to fix
The place of the children's last retreat,
They called it, the Pied Piper's Street—
Where any one playing on pipe or tabor
Was sure for the future to lose his labour.

Nor suffered they hostelry or tavern
To shock with mirth a street so solemn;
But opposite the place of the cavern
They wrote the story on a column,
And on the great Church-Window painted
The same, to make the world acquainted
How their children were stolen away;
And there it stands to this very day.
And I must not omit to say
That in Transylvania there's a tribe
Of alien people that ascribe
The outlandish ways and dress
On which their neighbours lay such stress,
To their fathers and mothers having risen
Out of some subterraneous prison
Into which they were trepanned
Long time ago in a mighty band
Out of Hamelin town in Brunswick land,
But how or why, they don't understand.

So, Willy, let you and me be wipers
Of scores out with all men—especially pipers:
And, whether they pipe us free, from rats or from mice,
If we've promised them aught, let us keep our promise.



http://meninasemarte.files.wordpress.com/2012/05/pedro-bascon-classic_tales_hamelin_bascon_blog.jpg?w=500

